

GUERRA NA UCRÂNIA



Agravamento da fatura energética das famílias pode penalizar o consumo
FOTO D.R.

Está a caminho uma nova recessão?

FMI alerta para **impacto sério da guerra na economia**. Projeções estão a ser cortadas, mas esperam crescimento

SÓNIA M. LOURENÇO

As tensões geopolíticas eram pouco mais do que uma nota de rodapé no cenário traçado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), em janeiro, na atualização do World Economic Outlook. Antecipando um crescimento global de 4,4% em 2022, menos meio ponto do que em outubro, a principal preocupação mantinha-se a pandemia de covid-19. Pelo meio, o documento referia, entre “outros fatores” de risco, “tensões geopolíticas, incluindo na Europa de Leste”. A palavra Ucrânia não era mencionada uma única vez. Pouco mais de um mês depois, a 24 de fevereiro, a Rússia invadiu o território ucraniano, e a 5 de março o FMI emitiu uma nota, vincando que “a guerra em curso e as sanções associadas terão um impacto severo na economia global”. E avisou que “se o conflito escalar, o dano económico seria ainda mais devastador”.

Podem estar a caminho uma recessão global? O Fundo não quantificou impactos, mas uma contração na economia mundial é um fenómeno raro. Desde 1980 aconteceu apenas por duas vezes: em 2009, a crise financeira e económica mundial levou a uma queda de 0,1%, e, em 2020, a pandemia de covid-19 fez o Produto Interno Bruto (PIB) mundial recuar 3,1%. Num contexto de grande incerteza, várias entidades estão já a rever em baixa as projeções. Mas, para já, não apontam para uma recessão.

O National Institute of Economic and Social Research, a mais antiga instituição independente de investigação económica no Reino Unido, estima que o conflito na Ucrânia pode retirar cerca de 0,5% em 2022 e 1% em 2023 ao nível

do PIB global, por comparação com um cenário sem guerra. Segundo a agência Reuters, Philip Lane, economista-chefe do Banco Central Europeu (BCE), admite um corte na projeção de crescimento da instituição para a zona euro este ano — que estava nos 4,2% — entre 0,3 pontos percentuais e um ponto. A instituição reúne a 10 de março, depois do fecho desta edição, e são esperadas estimativas oficiais. Quanto à Comissão Europeia (CE), em fevereiro, antes da invasão da Ucrânia, reviu em baixa a previsão de crescimento deste ano na União Europeia (UE) e na zona euro de 4,3% para 4%. Entretanto, Paolo Gentiloni, comissário europeu da Economia, afirmou que a guerra irá “pesar significativamente” na recuperação da economia europeia, mas “não irá pará-la”.

Projeções revistas em baixa

A Europa está no centro da crise. O Credit Suisse é o mais pessimista sobre a evolução da economia da UE este ano, esperando um crescimento de apenas 1%, metade da projeção anterior. As revisões em baixa são transversais, com o

Barclays a apontar para 3,5%, em vez de 4,1%, e o JP Morgan a esperar 3,2%, o que significa um corte de quase um ponto percentual. Ainda assim, “depois de irmos de um cenário pandémico, tudo isto parece realmente muito pouco”, vinca Pedro Brinca, economista e professor da Nova SBE. Já a Rússia, face às sanções anunciadas, tanto impostas pelos Governos como da iniciativa das empresas, não deve escapar a uma recessão severa.

A guerra chega numa altura em que a inflação estava já em máximos históricos na zona euro

Disrupções nas cadeias de comércio, perturbações nos mercados financeiros e, sobretudo, forte pressão em alta dos preços dos produtos energéticos e de várias matérias-primas são os principais impactos económicos deste conflito militar. Significam um agravamento da fatura energética das famílias e das empresas e vão repercutir-se, mais cedo ou mais tarde, em toda a economia.

Mas, “nada que se compare ao que passámos nos últimos dois anos, e desta vez temos ferramentas muito mais poderosas para lidar com alguns dos efeitos: no caso dos combustíveis por exemplo, uma grande fatia da fatura na bomba são impostos”, vinca Pedro Brinca.

A forte escalada de preço do petróleo e outros produtos energéticos reforçou-se com o anúncio do embargo norte-americano ao petróleo, gás e carvão russos, depois os mercados corrigiram, e a volatilidade domina. O Reino Unido adotou a mesma posição, mas a UE — que importa 40% do gás natural daquele país, chegando aos 55% no caso da Alemanha —, não deu esse passo. O impacto seria grande, mas “gerível”, concluiu o estudo “What if? The economic effects for Germany of a stop of energy imports from Russia”. O documento estima que o corte com as importações de energia da Rússia teria um efeito entre meio ponto percentual e 3% do PIB germânicos, sendo o 3% um cenário considerado extremo. Por comparação, em pandemia, a Alemanha contraiu perto de 5%.

Quanto a Portugal, Rússia e Ucrânia valem, em conjunto, pouco mais de 0,3% das exportações de bens, e está pouco exposto ao petróleo e gás russos, mas sofrerá com o abrandamento dos principais parceiros europeus e a subida dos preços, com destaque para a energia. O ministro das Finanças, João Leão, já reconheceu que as previsões de crescimento na Europa “devem ser revistas em baixa”, considerando ser “natural que em Portugal isso também possa acontecer”, ainda que frisando que “Portugal vai continuar a ser dos países que mais cresce na Europa”. Em outubro, o Governo apontava para uma expansão de 5,5% este ano e economistas ouvidos

pelo Expresso há uma semana esperavam um crescimento na casa dos 5%.

À espera de Frankfurt e Bruxelas

A guerra chega com a inflação em máximos históricos na zona euro, nos 5,8%, e o BCE preparava-se para começar a normalizar a sua política monetária. Um processo que, agora, deverá ser mais lento. As sanções impostas sobre a Rússia “criam forte perturbação no funcionamento dos mercados financeiros e criam riscos de solvência para entidades financeiras com ativos relacionados com a Rússia. Uma mais lenta normalização da política monetária é uma maneira de lidar com o problema no imediato”, aponta João Borges de Assunção, economista e professor da Católica-Lisbon, alertando que “pode ter como consequência indireta um agravamento da inflação”. Para Pedro Brinca, “enquanto os custos unitários do trabalho não acelerarem, o BCE não irá mexer nas taxas de juro e ficar-se-á pelo fim faseado de alguns programas de compra de dívida”.

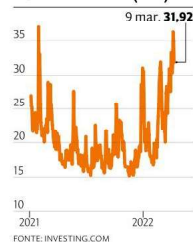
Do lado orçamental, as regras europeias sobre déficit e dívida estão suspensas desde 2020, por causa da pandemia. A indicação da CE era de que regressariam em 2023 — ainda que, provavelmente, com tolerância na dívida —, após a atividade económica regressar ao nível de 2019. Mas podem ser adiadas para 2024. “Penso que as regras serão adiadas. Também para acomodar as necessidades de despesas em defesa nos países da UE”, diz João Borges de Assunção. Segundo Paolo Gentiloni, a decisão será em maio, quando a CE apresentar novas projeções económicas. O comissário vinculou ao “Financial Times” que “não somos burocratas loucos”.

slourenco@expresso.imprensa.pt

MERCADOS

Nervoso miudinho

ÍNDICE DE VOLATILIDADE (VIX)



A guerra na Ucrânia fez disparar os sinais de alerta nos mercados financeiros. Um dos principais é o índice de volatilidade VIX da Bolsa de Chicago. Disparou nas últimas semanas, mas ainda está, apesar de tudo, longe dos picos de crises passadas. Como na crise financeira em 2008, por exemplo. Em momentos de maior receio e incerteza, os mercados têm maiores movimentações. A maior parte das bolsas tem estado em queda (ver gráfico na pág. 10), os juros desceram (ou inverteram-se as curvas) e alguns ativos de refúgio têm valorizado. O ouro passou os 2000 dólares por onça pela primeira vez desde 2020. E o bitcoin saltou os 40 mil dólares, ajudado por uma fuga de informação sobre uma posição favorável do Tesouro dos EUA.
JOÃO SILVESTRE

ECONOMIA MUNDIAL SÓ CAIU DUAS VEZES DESDE 1980

Taxa de variação anual do PIB mundial, em percentagem

